

Conexões periféricas: ação política, juventude e narrativas identitárias

Peripheral connexion: political action, youth and identity narratives

Rosana Martins

Cientista social, mestre e doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo. Pós-doutora associada ao Centro de Investigação Media e Jornalismo, Universidade Nova de Lisboa, Portugal. Visiting fellow researcher at Centre for Cultural Studies, Goldsmiths University of London, United Kingdom

Resumo

No presente artigo procuramos tematizar a questão atual da globalização, que sob as marcas do consumo de uma cultura se apresenta cada vez mais sob o domínio do capital e realça o excesso de signos e imagens de um mundo permeado por simulações, indistinção do real com o imaginário. Ou seja, uma contemporaneidade mutável, pairada pelas incertezas e incapaz de oferecer parâmetros de estabilidade social ou identidade individual frente a um mundo alheio ao próprio homem, mas, como manifestação do gozo do capitalismo planetário das empresas transnacionais. É exatamente neste momento que nossa atenção recai para a atuação dos novos movimentos sociais, que ao resgatar a esfera pública como campo pluralizado do diálogo, criam um espaço no qual a autonomia de ação floresce de encontro às amarras do social.

Palavras-chave: identidade; música; globalização

Abstract

In this article we explore the question of current globalization, which under the names of the consumption of a culture is increasingly coming under the domination of capital and enhances the excess of signs and images of a world permeated by simulations, blurring of real and imaginary. That is, a contemporary changeable, hung by the uncertainties and unable to provide parameters of social stability and individual identity in front of a world alien to the man himself, but, yes, while expression of the enjoyment of global capitalism transnational corporations. It is exactly this point that our attention is for the performance of the new social movements, to rescue the public sphere as a pluralized field of dialogue, create a space where the autonomy of action against the flourishing of social ties.

Keywords: identity; music; globalization, mediatization.

Hip-hop: cultura e ação

Com o atual processo de globalização temos o surgimento das chamadas cidades cosmopolitas, que independentemente de pertencerem a países economicamente desenvolvidos passam a assumir problemas parecidos no tocante a narcotráfico, violência, manifestações de discriminação social e étnica, desemprego ou trabalho na economia informal, ou ainda pessoas vivendo à margem da linha da pobreza.

Sendo assim, Jean Baudrillard (2003) entende que a contemporaneidade encontra-se imersa na profusão regida pelo pensamento único do capital mundial (este acaba por penetrar em todas as esferas da vida social pela positividade mercadológica, eficiência técnica e intensificação do processo de mecanização de um mundo cada vez mais administrado pela padronização, superespecialização, fragmentação do trabalho), regida pela total promiscuidade de todos os signos, o que acarreta indiferença no campo dos direitos humanos, da democracia. Nesse sentido, emerge a cultura, ou propriamente a incultura, da indiferença aos valores transcendentais do universal em favor da expansão do controle técnico para além do campo científico, entendido diretamente à vida cotidiana.

Nesse caso, assistimos à perda do sentido estável de si, como bem afirma Hall (2000), ao “duplo deslocamento” ou à descentração do indivíduo tanto de seu lugar no mundo quanto de si mesmo, diante de mudanças rápidas e constantes da contemporaneidade, dando margem ao surgimento de novas identidades. De acordo com o sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2001), o eu se transforma numa situação cabide (móvel), calculável de sobrevivência e sucesso social.¹

A cultura na sociedade contemporânea encontra-se envolta por uma tessitura de paradoxos, frente a uma cultura mercantilizada que oferece a todos padrões de modelos, sendo que o processo de identificação ocorre num mundo de complexidade de possibilidades e de escolhas que se efetivam, se redefinindo continuamente em resposta à dinâmica sistêmica que exige uma multiplicidade de linguagens e relações sociais.

Projeção das posses de hip-hop no espaço periférico urbano

Na década de 1990, a cultura hip-hop em São Paulo ganha visibilidade não só através da música, da dança ou das artes visuais, mas também do sentido de ativismo social a partir da atuação das chamadas “posses”² e de sua tentativa de expandir o diálogo da juventude periférica para além do gueto.

Podemos dizer que o espaço de atuação das posses é produto de propostas, de discussões e de negociações locais, um agir comunicativo efetivado no consenso e almejado na busca do fazer parte, de participar, de ser ouvido. Portanto, por “posse” entendemos uma rede “doméstica” composta por um grupo de pessoas que a partir de uma necessidade ou de uma paixão comum, seja de reforçar as próprias raízes, seja de pesquisar um meio para compartilhar fragmentos de existência (PACODA, 2000), busca se reconhecer nas suas individualidades e diferenças, tornando-se, simultaneamente, mais inclusiva na esfera societal.

É na teoria da ação comunicativa reforçada por Jürguen Habermas (1989) que nos deparamos com elementos para pensar a atuação das posses, no momento em que se enfatizam as formas nas quais as pessoas envolvidas se põem de acordo para coordenar seus planos de ação, os quais se concretizam através do reconhecimento intersubjetivo e do equilíbrio entre interesses particulares e antagônicos. Nas posses os participantes, ao terem clareza de seus interesses comuns, agem como atores racionais da comunicação, visando a uma ação que possibilitaria a busca da racionalidade na vida social.

Podemos evidenciar, portanto, que as posses apontam para “nós”, são importantes na constituição do indivíduo que não é moldado por estruturas burocráticas institucionais, mas sobretudo por estruturas de fora, das arenas interacionais, se constituindo nas arenas públicas de diálogo, no encontro com o outro, cujas trocas atualizam sua crítica ao mundo social. Neste contexto, a apropriação da significação social para o indivíduo é produto do contexto em que está inserido, se apropriando das objetivações resultantes das atividades de outros homens, de gerações passadas, e ao mesmo tempo produzindo histórias, criando novas objetivações.

Funcionando como a reunião da “*identità segregata*”, termo tomado do sociólogo Alberto Melucci (1996) para fazer menção à referência identitária que se transforma na luta pelo direito à diferença, pontuamos um agir comunicativo autônomo que, sem as amarras burocráticas e institucionais, visa à intervenção política a partir dos elementos artísticos da cultura hip-hop.³

[...] Todo membro do hip-hop quer a autoestima de olhar enquanto cidadão. O jovem negro tem que ser um guerreiro e lutar para que sua condição de vida melhore. Posse é um sentimento de que você pode ter alguma coisa, identificação com a coisa que é sua. É você tomar posse daquilo. Esse é o sentido figurado da coisa. Jovens ligados ao hip-hop que reúnem para ensaiar ou para lutar por melhores condições no bairro. A importância é: a união faz a força. Toda vez que você chama uma pessoa pra lutar do seu lado, aí você acaba formando um exército. Essa é a importância da posse (Ana Rita Chaves, fundadora da Associação Dialogo e Acção [Lisboa, Portugal]. Entrevista concedida ao autor em 20 de março 2011).

[...] Temos nossos empregos fixos e fazemos algo para melhorar a sociedade em que estamos inseridos, pois somos – enquanto maioria negra, que participa deste movimento – os mais afetados pela discriminação, por ser periferia, pobre e negro (Mateus Martins. Entrevista realizada em São Paulo, em 5 de junho de 2012).

A construção identitária tende a ser uma questão central no entendimento das posses e tem procurado conjugar uma prática social que consegue simultaneamente trabalhar a autoestima de seus protagonistas através da conscientização e exercitar a cidadania – a participação nas relações sociais, apropriando-se de bens, usufruindo de direitos e compartilhando decisões. Promove-se um sentimento de pertença identitária por intermédio da participação do cidadão no ambiente social, o que acaba por definir o que se entende aqui por cidadania, na medida em que esta se concretiza nas posses pela participação do ator social, pela pluralidade de seus interesses e pela ampliação das oportunidades.

Nesse caso, a atuação nas posses aponta para um crescente e significativo ato educativo, no qual a participação do “nós” e a formulação de questões vão garantindo a consciência política de cada componente (ANDRADE, 1996). A articulação desses agentes sociais em volta da unicidade e da integração propicia uma consciência crítica e política a partir da formulação de demandas e estratégias de trabalho que futuramente contribuíram para fenômenos de afirmações identitárias e consequentes formas de diferenciação social.

Assiste-se a processos de individuação pelos quais os indivíduos constroem suas identidades particulares, com singularidades, assim como identidades coletivas, que nascem da inquietação e da insatisfação social⁴ dos jovens com o desemprego, o aumento da miséria, o não acesso aos bens de consumo e as faltas de perspectivas em relação à educação e à ascensão social. Assim sendo, a emergência das posses urbanas se inscreveria no eixo do desejo de liberdade e de autodeterminação para a expressão das individualidades, se colocando em oposição às formas que viabilizam a reprodução das condições necessárias à continuidade do sistema capitalista.

Ao ocupar o espaço público com suas expressões artísticas, esses sujeitos inflexionam a relação periferia-centro, trazem à tona as relações de poder implícitas nessa polaridade, que não só circunscreve a ocupação do espaço urbano, mas também implica o acesso diferenciado aos bens materiais e simbólicos (MARTINS, 2005). As identidades associativas à cultura hip-hop nada mais são que sistemas de forças e conflitos, cuja participação se envolve na intensa busca pelo esclarecimento na superação do indivíduo supérfluo. Como alega Marialice Foracchi (1982), a juventude de alguma forma reflete a crise que emerge da sociedade.

Os jovens sentem necessidade de afirmar sua originalidade, singularidade, autonomia. Os jovens procuram escapar às determinações e obrigações institucionais através de envolvimento sociabilísticos – com o suporte da música, das práticas desportivas e artísticas (ABRAMO, 1994).

Vivendo relativamente à margem das instituições dominadas pelas gerações mais velhas, os jovens formam uma geração que se caracteriza pelo desenvolvimento de valores e gostos culturais próprios que escapam aos processos tradicionais de socialização.

Do ponto de vista dos Estudos Culturais⁵ estamos vivendo a emergência de um “outro pensamento”, um pensamento liminar que aponta para uma razão pós-ocidental, ou seja, razão subalterna lutando pela afirmação dos saberes historicamente subalternizados a partir da tomada de uma consciência coletiva para pensar essas historicidades e dinâmicas transformativas pela ótica do sujeito protagonista (MIGNOLO, 1996; GILROY, 2001; HALL, 2003). Então, estamos numa etapa em que as concepções de mundo até recentemente dominantes e universais vêm sendo questionadas.

Os signos mais característicos das culturas juvenis funcionam, muitas vezes, como forma de resistência às culturas dominantes e hegemônicas e são obliquamente expressos em estilos que podem ser interpretados como uma reação resultante da situação de marginalidade ou subalternidade em que os “periféricos” vivem.⁶

Ser sujeito da sua própria história, sentar junto para trocar experiências são alguns dos aspectos importantes a serem realizados entre os componentes das posses paulistanas. Assim, a comunicação direcionada à mobilização social visa estabelecer uma relação entre os envolvidos que seja ao mesmo tempo dialógica, pedagógica e libertadora. A comunicação é dialógica na medida em que não é a transferência do saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores.

[...] A gente usa a música como carro-chefe de atrativo, mas por trás vem oferecendo algo a mais, e é esse algo a mais que faz a diferença, que alimenta tanto a mente quanto o espírito do cara que vem até aqui, com palestras e debates sobre vários temas que afetam a comunidade da Cidade Tiradentes (Elton Ferraz, Aliança Negra Posse. Entrevista realizada em São Paulo, em 18 de maio 2003).

Quando você está participando de um coletivo, você se sente mais importante até mesmo para você, tanto a sua autoestima quanto da importância que você se dá para si. Eu consigo exercitar o que eu gosto, o que eu sei fazer. Quando você está no coletivo, quando nos unimos torna mais forte

(Cátia Andrade, Gata, 28 anos, rapper do grupo Hip-Hop de Batom, Lisboa, Portugal. Entrevista realizada em Lisboa em 22 de julho de 2012).

O simples fato de participar implica forte apelo na criação e experimentação de formas diferentes de relações mais solidárias e de manifestações que se expressam na periferia do sistema.

Rever a identidade, questionar a identidade, reafirmar a identidade tornam-se exigências correntes. Pertencer a um movimento, a uma rede, a um campo ético-político, situar-se num campo discursivo, enfim, implica experimentar o desafio da alteridade, inserir-se em lutas pelo reconhecimento ou pela reparação de injustiças e desigualdades.

Quero sempre ser original e me manter dentro de uma filosofia com referência na Zulu Nation. Trazer a ideologia inicial do hip-hop, a unificação dos povos, a paz! Quero alertar a todos através de informações que o pessoal não tem conhecimento com palavras que possam nos fazer crescer! (Jack Pot, rapper, membro da Zulu Nation Portugal. Entrevista realizada em Lisboa, Portugal, em 24 de julho de 2012).

Não se trata de uma vontade temporária, não se trata de uma moda, não se trata de um passatempo. Trata-se de procurar, com as nossas capacidades e/ou dons, melhorar o mundo à luz do Quinto Elemento – a que designamos como Conhecimento (Nicandro Francisco de Barros Mendes, 24 anos, rapper, membro da Zulu Nation Portugal. Entrevista realizada em Cacém, Portugal, em 5 de julho de 2012).

As ações políticas e sociais do hip-hop se realizam através do seu Quinto Elemento: o conhecimento. Sem o conhecimento, o rap, o break e o grafite não teriam esse caráter informativo e conscientizador das questões sociais. Ser um hip-hopper exige a busca de um conhecimento que vai além daquele ensinado nos livros didáticos (Alexandre dos Santos, 26 anos, membro da Associação Posse Haussa. Entrevista realizada em 17 de junho de 2012, em São Paulo).

Construídas nas interações sociais, as representações sociais juvenis acabam por se constituir, portanto, em mediações entre os sujeitos e o mundo, interpenetrando sentimentos, ideias, biografias, ideologias, fundindo as histórias dos sujeitos com as histórias das nações; são apropriadas pelos sujeitos para dar sentido às suas ações, à sua vida.

A essência destes agrupamentos juvenis está na potência, na elaboração de novas identidades coletivas, projetos de mudança social a partir das experiências vividas.

Construindo e desconstruindo identidades

O novo sujeito que surge das posses de hip-hop é um coletivo difuso, não hierarquizado, aberto e disponível ao horizonte de possibilidades, em luta contra as discriminações de acesso aos bens materiais e culturais, ao mesmo tempo crítico de seus efeitos nocivos, a partir da fundamentação de suas ações em valores tradicionais, solidários, comunitários. Sob este ângulo, torna-se importante ter em consideração a necessidade de uma compreensão diferenciada que permita aos moradores das periferias gozar da efetivação de práticas democráticas, ao procurar acentuar a importância da esfera cultural que fomentará mecanismo de aglutinação de sociabilidades e de interesses comuns. Logo, serão analisados de acordo com a teoria dos novos movimentos sociais, prioritariamente sob dois aspectos: suas ações coletivas e a identidade coletiva criada no processo, capazes de se autodefinir – a si mesmos e a seu relacionamento com o meio ambiente (OFFE, 1985).

99

Preliminarmente, vale registrar que os novos movimentos sociais são novos porque não possuem uma clara base classista como nos velhos movimentos operários ou camponeses; são de interesses difusos, com pluralidades de orientações, significando a construção de um outro referencial para o imaginário social a partir das potencialidades multidimensionais (polimorfias) de cada um, num conjunto (LACLAU, 1986). Desenvolve-se um processo de criação de identidades em espaços coletivos não institucionalizados, de trocas, de negociações, de decisões, de apropriação de espaços públicos, isto é, procura-se exprimir um papel estratégico de empoderamento social na negociação identitária centrada na ideia do “nós”, como formas de pertencimento coletivo, ao reivindicar seu reconhecimento como interlocutor válido.

A ação coletiva é um sistema de ação multipolar que combina orientações diversas, envolvendo atores múltiplos, e implica três ordens de orientações: aquelas relativas aos fins da ação (isto é, do sentido que a ação tem para o ator); aquelas relativas aos meios (isto é, às possibilidades e aos limites da ação); e, por fim, aquelas relativas às relações com o ambiente (isto é, ao campo no qual a ação se realiza). Desse modo, baseados em ações solidárias alternativas centradas em questões éticas ou de revalorização da vida humana, a ação do integrante das posses se organiza em torno de três eixos (fins, meios, ambiente), que devem ser considerados como um conjunto de vetores interdependentes e em tensão entre si (MELUCCI, 1985).

E nessa dinâmica, a construção das identidades associativistas das posses recusa, de antemão, qualquer orientação que conduza a alguma interpretação unidirecional, linear, fechada, cristalizada e fixada; logo, deverá ser pensada a partir de uma epistemologia dialógica, isto é, como fruto das experiências individuais e dos processos de trocas e interações intersubjetivas. O próprio ser humano não existe isolado, sua experiência de vida se tece, entrecruza-se e interpenetra-se com o outro. A interação pode ser considerada como o espaço da produção de sentidos e ainda de manifestação e produção das relações sociais. Pensar em relação dialógica é remeter a um outro princípio, a não autonomia do discurso, a incapacidade de liberdade e a capacidade de julgamento, sintonizado no pensamento de Arendt com a ideia de totalitarismo:

“[...] A ação e política, entre todas as capacidades e potencialidades da vida humana, são as únicas coisas que não poderíamos sequer conceber sem ao menos admitir a existência da liberdade, e é difícil tocar em problema político particular sem, implícita ou explicitamente, tocar em um problema de liberdade humana [...]. A *raison d'être* da política é a liberdade, e seu domínio de experiência é a ação [...]” (ARENDR, 1979, p. 191-192).

Em Arendt, como veremos, através da palavra a política aparece reumanizando o mundo. E é através do discurso e da ação que surge com o senso partilhado, com a capacidade de distinguir o mundo com clareza.

As categorias de percepção do mundo social não são somente produtos da incorporação das estruturas objetivas do espaço social, dos papéis sociais que todos cumprimos, das categorizações produzidas. Para Michel Pêcheux (1990; 1997), filósofo que valorizou muito o funcionamento da linguagem na formulação do pensamento, o discurso aparece como uma abordagem da língua, como o lugar teórico de articulação da cultura, da constituição do imaginário social e da materialização dos sentidos em movimento. Portanto, quando se fala em discurso, pensa-se nos enunciados que os indivíduos produzem ao atuar em situações sociais nas quais assumem posições de sujeito e implicam a incorporação da história e da memória cultural nos procedimentos de análise. Os discursos são partes indissociáveis do contexto cultural-sócio-histórico-político. Pêcheux pensa o discurso não necessariamente a partir de transmissão de informação entre os interlocutores, mas de um “efeito de sentidos” entre eles. Tendo como referência estes pressupostos, podemos afirmar que é através do encontro com o outro que se constrói a identidade específica, individual ou coletiva.

Sendo assim, a reivindicação de determinados grupos pelo reconhecimento de direitos e modos de subjetivação repercutem na atual conjuntura, reforçando a necessidade de um deslocamento da análise sociológica em direção à questão do sujeito. Tendo uma visão macro do social, o acionalismo do sociólogo francês Alain Touraine também se orienta por conceitos como historicidade, sistema de ação histórica, sistema institucional e organização social.

Alain Touraine fala dos movimentos como agentes históricos que expressam, em cada instante, não só as formas históricas de opressão, de miséria, de desigualdade, mas também o devir, através de sua crítica, de suas contestações em busca de novas alternativas rumo a uma nova historicidade.

Em seus primeiros estudos, ele elaborou uma teoria das condutas e dos comportamentos sociais a partir da análise dos movimentos sociais; posteriormente, passou a estudar nesses movimentos os sistemas e as mudanças sociais (GOHN, 2000).

Na sociologia da ação de Alain Touraine,⁷ um movimento social pode ser ao mesmo tempo um conflito social e um projeto cultural, pois visa à ação pelo controle social da historicidade e dos mecanismos de autoprodução. A sociedade, sob a ótica do autor, é tomada como um campo de confronto de interesses que objetivam o controle das forças de uma sociedade (TOURAINÉ, 1982). Por esse prisma, a abordagem de Touraine estrutura-se a partir do que se convencionou denominar “paradigma acionalista”, que retoma um dos pressupostos básicos do funcionalismo: toda ação é uma resposta a um estímulo social.

Nesta perspectiva, os novos movimentos sociais passam a ser fundamentais para entender o processo de mudança no mundo (TOURAINÉ, 1999). Assim, as posses passam a ser entendidas como um sujeito com vontade de ser reconhecido como ator, isto é, no papel de atuar e modificar seu meio social (mais do que ser determinado por ele), construído na relação com o outro, no campo da alteridade.

As reivindicações das posses permitem redefinir as fronteiras do político a partir dos questionamentos da legitimidade das instituições políticas e do reconhecimento dos conflitos antagonísticos em esferas da vida social ainda não democratizadas.

Observa-se, portanto, que o mérito da abordagem de Touraine colabora para o entendimento do processo de mobilização das posses do hip-hop como agentes dinâmicos, produtores de reivindicações e demandas, e não como simples representantes de papéis atribuídos de antemão pelo lugar que ocupariam no sistema de produção (TOURAINÉ, 1994). Portanto, como frutos de uma vontade coletiva, os movimentos sociais de Alain Touraine se

assemelham a agentes de liberdade, de igualdade e de justiça social. Desta forma, a ação coletiva das posses é parte do sistema de forças sociais dessa sociedade, disputando a direção de seu campo cultural. Em tal visão, novos movimentos sociais, como as posses de hip-hop, passam a ser vistos dentro de uma teoria mais geral, a teoria dos conflitos (COHEN, 1985). As posses têm sido caracterizadas por uma crescente politização da vida social.

Deste modo, para fins desta exposição, a participação na produção e transmissão das mensagens contribui para que se tornem sujeitos, protagonistas da comunicação, e não somente receptores.

Cotidianamente, os jovens periféricos dos grandes centros urbanos aparecem na grande mídia normalmente vinculados a ações de rebeldia e violência, relação com gangues e narcotráfico, quase sempre como vítimas de tais ações, mas muitas vezes mais como promotores. Os hip-hoppers tentam combater a estrutura histórica de desvalorização da periferia e, por conseguinte, qualquer noção unidirecional que possa ter.

A associação entre juventude e desordem teve origem nos trabalhos da Escola de Chicago, em princípios do século 20, a partir de estudos sobre os conflitos violentos entre gangues, bandos e organizações clandestinas formadas por jovens imigrantes nos grandes centros urbanos americanos em processo de industrialização.⁸ Essa compreensão transicional da condição juvenil foi pautada pelas formulações funcionalistas que emergiram nas sociedades afluentes do pós-guerra. É curioso perceber que, sob o efeito da efervescência política e cultural protagonizada por grupos de jovens nas décadas de 1950 e 1960, essas abordagens, ainda que centradas na questão da reprodução da ordem social, permitiram situar a juventude como agente portador do novo e da transformação, localizando o seu papel na atualização do processo de transmissão da herança cultural, na modernização e no rejuvenescimento da sociedade (ABRAMO, 1994).

As posses ligadas ao hip-hop comportam maneiras criativas ao reivindicar o reconhecimento social e resistir aos padrões estabelecidos, bem como formas inovadoras de inserção nas esferas da vida social; dada sua presença marcante nas sociedades contemporâneas, contribuem decisivamente para produção e renovação do repertório de valores e práticas sociais.

Pode-se dizer que a identidade coletiva nas posses não podem ser reduzidas a cálculos de custo e benefício, pois sempre mobilizam emoções e sentimentos. Aqui, a identidade coletiva é também um processo de aprendizagem no qual ocorre a autorreflexão sobre o significado das ações, que é incorporada à práxis de cada grupo.

Portanto, as posses caminham no sentido das agremiações de pertencimento, aclamadas por Michel Maffesoli pelo termo “tribo urbana” (1987; 1997; 1999), associação entre os indivíduos na “sociedade pós-moderna” e simbolizadas no estar

junto com os comuns, na imersão coletiva no existir, no compartilhar coletivo de gostos, sensações, emoções, desejos, já que representam, simultaneamente, fenômenos discursivos e políticos localizados na fronteira entre as referências da vida pessoal e a política. Os vínculos comunitários perduram enquanto se mantém o interesse em comum. O compartilhamento de elementos comuns contribuiu para definir a imagem social de cada “tribo”

É possível notar que, em conformidade com Maffesoli, essas agremiações de jovens no tecido urbano, as posses de hip-hop nada mais são do que o micro se relacionando com a macroestrutura (dada a importância dos estudos de Alberto Melucci, Michel Maffesoli e Alain Touraine), refletindo e dialetizando a constituição de um potencial crítico e inventivo dos agentes envolvidos no questionamento dos conflitos gerados no social a partir do instante em que gestam espaços públicos de criação, de pensar outros modelos alternativos de socialidade, de superação e de transformação, tanto no plano pessoal quanto no social, e diretamente relacionado à histórica falta de perspectivas a que a sociedade relega o jovem periférico.

Nesse eixo, a ação coletiva das posses assume sua forma na trama da vida cotidiana, na qual os indivíduos passam a elaborar um novo discurso, novos códigos, experiências de práticas descentralizadas e democráticas.

A influência dos movimentos sociais vai muito além dos efeitos políticos produzidos por eles. Existe um nível no qual a ação direta dos movimentos sociais afeta diretamente os sistemas políticos, obrigando-os a produzir algum tipo de reação que pode ser mais ou menos democrática conforme a natureza do sistema político envolvido. Neste sentido, a influência direta dos movimentos sociais sobre os sistemas políticos pode ser de três tipos: uma ampliação dos limites da política; uma mudança nas regras e procedimentos políticos; e uma transformação nas formas de participação no interior dos sistemas políticos (MELUCCI, 1994, p. 156).

Certamente, essa ação política circunscrita por Alberto Melucci ultrapassa o campo do diálogo, assumindo para o autor um caráter administrativo da estrutura do Estado, já que, neste contexto, os novos movimentos são apresentados como a combinação de um princípio de identidade, um princípio de oposição e um princípio de totalidade. Isto é, uma forma de ação coletiva (a) baseada na solidariedade, (b) desenvolvendo um conflito, (c) rompendo com os limites do sistema em que ocorre a ação. Estas dimensões permitem aos novos movimentos sociais que sejam separados dos outros fenômenos coletivos (delinquência, reivindicações organizadas, comportamento agregado de massa), que são com muita

frequência empiricamente associados com movimentos e protestos.

Evidentemente, podemos sistematizar as posses como sendo o lugar do enfrentamento voltado ao interesse coletivo que não pode ser resolvido por caminhos de verdades singulares, radicadas em interesses privados. Ao reivindicarem visibilidade, reivindicam também valorização de seu status quo, pois é através destes que podem inserir seus anseios na agenda pública, evidenciando discursos sobre suas necessidades e diferenças. Daí a importância do “nós” como sujeito da ação coletiva e produtor de poder, entendido aqui como um recurso gerado pela habilidade dos membros de uma comunidade de estabelecer uma discussão e eventualmente concordar sobre qual o caminho seguir.

Nesta perspectiva, a identificação é referência, sendo o ponto original relativamente ao qual se define a diferença, cujo entendimento não pode ser compreendido fora dos sistemas de significação nos quais adquirem sentidos.

Ao combater a exclusão social e a violência urbana através de ações e processos de capacitação de jovens na utilização da cultura hip-hop, estes agrupamentos de jovens delineiam um projeto coletivo no qual problemas são compartilhados e buscas coletivas de soluções são discutidas, tendo, inclusive, a intencionalidade de tornar pública tal condição, dialogando com outros agentes sociais e/ou institucionais. A informação gerada por esses agrupamentos de jovens assume características qualitativas na medida em que instiga geração de conhecimento e passa a auxiliar nos processos de mudança dos sujeitos sociais e da sociedade.

Estas agremiações fornecem aos jovens periféricos novos modelos de atuação, aquisição de novos saberes e protagonismo social, assim como novos espaços de influência de pertença. Nesse sentido, para Silva (2000), o paradoxo da identidade é que a diferença, para ser afirmada, supõe igualdade e reciprocidade. O engajamento dos jovens em organizações sociais e sua influência crescente na definição de políticas públicas apontam indícios de que fazem parte da solução para os problemas. A identidade coletiva das posses se refere a uma rede de relações ativas (concebidas como um processo de construção de um sistema de ação) entre os atores que interagem, significa o reconhecimento de que esta rede se define por interações e partilhas, produzidas através de um número de indivíduos ou grupos, dizendo respeito às orientações de suas ações e ao campo de oportunidades e constrangimentos no qual tais atividades acontecem.

Suas atividades viabilizam um canal permanente de diálogo entre o poder público e a sociedade civil, no que diz respeito ao controle democrático na configuração das políticas públicas endereçadas a jovens periféricos.

Como autêntico sujeito de enunciação, na medida em que se arroga no direito e até no dever de informar e ser informado, os processos comunicacionais elaborados pelas posses de hip-hop passam a constituir a chave mestra para imprimir sustentabilidade à democracia.

A leitura destes agrupamentos juvenis implementa ações que acabam por contribuir com a possibilidade de construção da cidadania em respeito a suas diferenças e direitos. A prática da cidadania participativa depende de fato da reativação da esfera pública na qual indivíduos podem agir coletivamente e se empenhar em deliberações comuns sobre todos os assuntos que lhes afetam. Portanto, a ideia de solidariedade assume o cimento que une esses agrupamentos para além das fronteiras locais e nacionais, criando-se redes e parcerias para a constituição de um amplo movimento planetário pela cidadania, pela igualdade com respeito às diversidades culturais e de luta contra os processos crescentes de exclusão social inerentes à globalização.

Certamente, os agrupamentos dos jovens vinculados ao hip-hop são, portanto, um campo de pesquisa privilegiado para a compreensão e a decodificação dos significados e dos papéis sociais que se atribuem à juventude periférica e às políticas públicas a eles direcionadas.

Referências bibliográficas

ABRAMO, Helena Wendel. *Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Scritta, 1994.

AGGER, Ben. *Cultural Studies as Critical Theory*. London: Washington: The Falmer Press, 1992.

ANDRADE, Elaine Nunes de. *Movimento negro juvenil: um estudo de caso sobre jovens rappers de São Bernardo do Campo*. 1996. 317 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.

ARENDT, Hannah. O que é liberdade. In: _____. *Entre o passado e o futuro*. Trad. de Mauro W. Barbosa de Almeida. São Paulo: Perspectiva, 1979. p. 188-220.

BAUDRILLARD, Jean. *Power Inferno*. Trad. de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Trad. de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Trad. de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

- COHEN, Jean L. Strategy or identity: new theoretical paradigms and contemporary social movements. *Social Research*, v. 52, n. 4, p. 663-716, winter 1985.
- FERRAROTTI, Franco. *Rock, rap e l'immortalità dell'anima*. Napoli: Liguori Editore, 1996.
- FORACCHI, Marialice Mencarini. *A participação social dos excluídos*. São Paulo: Hucitec, 1982. (Ciências Sociais.)
- GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: Modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Ucam: Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.
- GOHN, Maria da Glória Marcondes. *Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2000.
- HABERMAS, Jürgen. *Teoría de la acción comunicativa: complementos y estudios previos*. Trad. de Manuel Jiménez Redondo. Madrid: Cátedra, 1989. (Teorema Serie Mayor.)
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- _____. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- LACLAU, Ernesto. Os novos movimentos sociais e a pluralidade do social. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 1, n. 2, p. 41-47, out. 1986.
- MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massas*. Trad. de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987. (Ensaio & Teoria.)
- _____. *A transfiguração do político: a tribalização do mundo*. Trad. de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 1997.
- _____. *No fundo das aparências*. Trad. de Bertha Halpern Gurovitz. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- MARTIN-BARBERO, Jesús. Comunicação plural: alteridade e sociabilidade. *Comunicação & Educação*, São Paulo, n. 9, ano 3, p. 39-48, maio./ago. 1997.
- MARTINS, Rosana. *O Estilo que ninguém segura*. São Paulo: Esetec, 2005.
- MELUCCI, Alberto. An introduction to study of social movements. *Social Research*, v. 52, n. 4, p. 749-787, winter 1985.
- _____. Movimentos sociais, renovação cultural e o papel do conhecimento. Entrevista de Alberto Melucci a Leonardo Avritzer e Timolyra. *Novos Estudos Cebrap*, n. 40, p. 152-166, nov. 1994.
- _____. *Challenging codes: collective action in the information Age*. New York: Cambridge University Press, 1996.

MIGNOLO, W. D. *Histórias Locais/Projetos Globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

OFFE, Claus. New social movements: challenging the boundaries of institutional politics. *Social Research*, v. 52, n. 4, p. 817-868, winter 1985.

PACODA, Pierfrancesco. *Hip-hop italiano: suoni, parole e scenari del posse power*. Tornino: Giulio Einaudi, 2000.

PÊCHEUX, Michel. *Discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. de Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 1990.

_____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. de Eni Puccinelli Orlandi. 3. ed. Campinas: Editora Unicamp, 1997.

SANTOS, Rosana Aparecida Martins. *O estilo que ninguém segura: mano é mano! Boy é boy! Boy é mano? Mano é mano? Reflexão crítica sobre os processos de sociabilidade entre o público juvenil na cidade de São Paulo, na identificação com a musicalidade do Rap Nacional*. 2002. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: _____; HALL, Stuart; WOODWARD, Katthryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73-102.

TOURAINE, Alain. *Mouvements sociaux d'aujourd'hui: acteurs et analyster*. Paris: Ouvrieres, 1982. (Politique Sociale.)

_____. *Crítica da modernidade*. Trad. de Elia Ferreira Edel. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. *Sociologie de l'action*. Paris: Editions du Seuil, 1995.

_____. *Podemos viver juntos: iguais e diferentes*. Trad. de Jaime A. Clasen, Ephraim F. Alves. Petrópolis: Vozes, 1999.

ZALUAR, Alba. Gangues, galeras e quadrilhas: globalização, juventude e violência. In: WAISELFISZ, J. J. (Ed.). *Juventude, violência e cidadania: os jovens de Brasília*. São Paulo: Cortez Editora: Unesco, 1998.

¹ Essa nova ordem sistêmica engloba uma pluralização de modos de vida na qual cada indivíduo tem de negociar identidades múltiplas e contraditórias à medida que percorre diferentes campos sociais, cada qual com seus diferentes papéis, normas etc.

² Franco Ferrarotti (1996) no livro *Rock, rap e l'immortalità dell'anima* toma a palavra "posse" (que na língua rasta do ragga significa simplesmente um grupo de amigos) como formas variadas e originais da cultura do conflito; lugar de autonomia anárquica de agregação de jovens, uma via possível no mundo totalmente administrado da sociedade tecnicista, ou seja, uma contracorrente que reclama uma sociedade diversa, um mundo alternativo, não mercantil, menos utilitário e mais humano.

³ Numa entrevista realizada em 20 de agosto de 2003, em São Paulo, o então presidente da ONG Aliança Negra Posse, Cláudio José Assunção, chega a apontar a existência de posses voltadas unicamente para o aperfeiçoamento artístico e outras voltadas para a questão puramente política, o que acaba por comprometer as relações internas entre os elementos artísticos da cultura hip-hop. De qualquer forma, finaliza Cláudio, é na busca do equilíbrio entre esses dois fatores que a maioria das posses de São Paulo encontram-se sedimentadas.

⁴ Ver Bauman (2003).

⁵ Os Estudos Culturais representados pelo Centre for Contemporary Culture Studies (CCCS), criado na Inglaterra, especificamente na Universidade de Birmingham, no final da década de 1960, constituíram um marco na renovação dos estudos sobre a juventude. Sua formação multidisciplinar com apelo marxista retoma os estudos sobre juventude sob a ótica das classes sociais. Metodologicamente, retoma-se a pesquisa qualitativa, em especial a observação participante e a pesquisa etnográfica. O CCCS foi responsável pela difusão dos estudos da juventude sob a perspectiva da subcultura. Ver Agger (1992).

⁶ Ver Santos (2002).

⁷ O acionismo tourainiano foi uma primeira tentativa real de fundar uma sociologia não individualista da ação. Ver Touraine (1995).

⁸ A respeito, ver Zaluar (1998).